

Almanaque

O BRASIL EM REVISTA

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH): um país que vive mais e melhor

ONTEM



■ **O que acontecia**
Em meados da década de 70, o IDH do Brasil era pior do que o de países como Colômbia e Venezuela. O índice é calculado a partir de dados sobre educação (alfabetização e taxa de matrícula em todos os níveis de ensino), longevidade (expectativa de vida ao nascer) e renda

IDH: 0,64
(1975)

PIB PER CAPITA
3220 dólares



1970

EXPECTATIVA DE VIDA
53 anos
1970



1970

■ **O que disse VEJA em 1969**
"A vida média no Recife é de cerca de 35 anos"

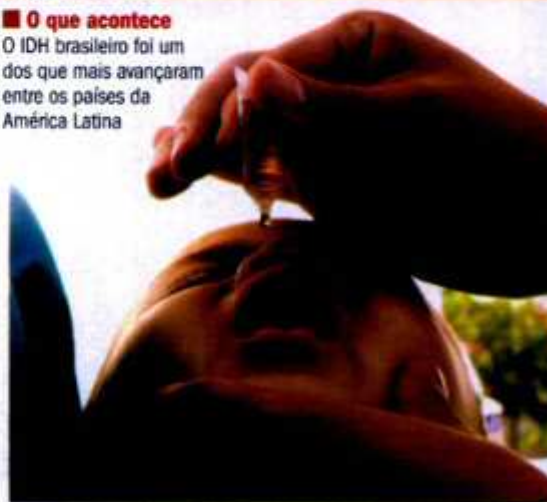
■ **O que ocorreu**
Medidas de saneamento básico e progressos na medicina fizeram a expectativa de vida dos brasileiros aumentar dezenove anos (no Recife, subiu para 70). O IDH só não evoluiu mais em razão da renda: durante a década de 80, a economia brasileira ficou estagnada



Projeto Mobral
Vaiá pela alfabetização de adultos, em 1970

HOJE

■ **O que acontece**
O IDH brasileiro foi um dos que mais avançaram entre os países da América Latina



IDH: 0,8
(2007)

PIB PER CAPITA
6844 dólares



2007

EXPECTATIVA DE VIDA
72 anos
2007



2007

■ **O que disse VEJA em 2007**
"O governo festejou a decisão da ONU de promover o Brasil à lista das nações com alto índice de desenvolvimento humano (IDH), embora o país tenha perdido sete posições no ranking geral, desde 2003"

■ **O que deve acontecer**
Nas próximas décadas, pela primeira vez, a maior parte dos brasileiros será adulta e economicamente ativa. "Se essa nova conformação for bem aproveitada, será possível diminuir a pobreza e aumentar substancialmente o IDH brasileiro", diz José Eustáquio Alves, do IBGE



Ensino básico
92% das crianças na sala de aula

Fontes: IBGE, Phod e Banco Central

Nos últimos quarenta anos, a taxa de analfabetismo despencou e a expectativa de vida aumentou espetacularmente. Antes privados de serviços como energia elétrica, hoje quase todos os brasileiros têm luz em casa. Neste almanaque, VEJA retrata essas e outras mudanças

ENSINO SUPERIOR: muitos candidatos, poucas vagas

ONTEM

■ O que acontecia

Em 1968, apenas 4% dos jovens estavam na faculdade — a maioria em instituições públicas. A procura por vagas começava a aumentar



Para poucos
Prova de vestibular
nos anos 60

■ O que disse VEJA em 1969

"Três meses antes da realização dos vestibulares, já se sabe que o número de candidatos será o maior dos últimos anos: cerca de 280 000 (...). Em 1970, será possível encontrar vagas nas escolas para todos?"

■ O que ocorreu

O número de universitários cresceu dezessete vezes. Mas o alto custo por aluno impediu que o governo expandisse o número de vagas no mesmo ritmo. A demanda foi absorvida pela rede particular



HOJE

■ O que acontece

O país enfrenta uma distorção: só os mais ricos — e preparados — conseguem acesso ao ensino superior gratuito. Nas faculdades privadas, 52% dos alunos são de classe baixa

■ O que disse VEJA em 2007

"Até ingressar numa instituição particular, o jovem Alessandro (...) havia amargado dois fracassos no vestibular da Universidade de São Paulo. É o que ocorre com 96% dos jovens de estratos de renda mais baixos quando tentam entrar na USP"

■ O que deve acontecer

Para o especialista Claudio de Moura Castro, a ampliação do ensino superior depende de reformas, como a cobrança de mensalidades em universidades públicas e o aumento de financiamentos a alunos pobres em instituições privadas. Melhorar o ensino básico também é fundamental. Só assim os mais pobres poderão competir de igual para igual com os mais ricos nos exames vestibulares

ONTEM

124 000
alunos em
faculdades
privadas

154 000
alunos em
faculdades
públicas

45% 55%

HOJE

3,5 milhões
de alunos em
faculdades
privadas

1,2 milhão
de alunos em
faculdades
públicas

25%

75%

A PESQUISA CRESCEU. FALTA APLICÁ-LA

Número de cursos
de mestrado e
doutorado

3 631

212

1970

2008

Número de profissionais
na área de pesquisa
e desenvolvimento
científico

118 296

4 000

1970

2006

Número de patentes
registradas
(em 2005)

EUA 16 368

Japão 15 239

Coreia do Sul 3 158

China 433

Israel 395

Índia 132

BRASIL 59

Fontes: Inep/MEC, Capes, OCDE e Ministério da Ciência e Tecnologia

Almanaque

TELECOMUNICAÇÕES: finalmente conectados

ONTEM

■ O que acontecia

No início dos anos 70, sob controle estatal, o sistema de comunicação era incipiente: apenas 1% da população tinha linha telefônica. A Região Norte se comunicava via **telégrafo** e radioamador



HOJE

■ O que acontece

Com a **privatização** do setor em 1998, a telefonia decolou. Hoje, a média é de praticamente uma linha por brasileiro



POPULAÇÃO

93 milhões de brasileiros

1,3 milhão de telefones fixos

POPULAÇÃO

187 milhões de brasileiros

40 milhões de telefones fixos

121 milhões de celulares

Fontes: IBGE e Anatel

■ O que disse VEJA em 1969

"Se o Brasil é subdesenvolvido, seus telefones são sub-subdesenvolvidos (...). Em Curitiba, a espera média é de trinta minutos para cada chamada"

■ O que ocorreu

Nos anos 70, ligações interestaduais e internacionais já eram realidade — mas o serviço ainda era para poucos. Em 1985, o país tinha apenas 7 milhões de linhas para 135 milhões de habitantes

■ O que disse VEJA em 2006

"O Brasil caminha para ter 100 milhões de telefones celulares, vendidos a preço de banana e com tarifas ao alcance do bolso dos trabalhadores. A Telebrás vendia um telefone por 5 000 dólares e, pior, não o entregava"



TRANSPORTE: solução e problema sobre quatro rodas

ONTEM

■ O que acontecia

Nos anos 60, a indústria automobilística ganha força no país. Em 1968, a frota brasileira era de 1,9 milhão de veículos

1 veículo para cada 47 pessoas



■ O que disse VEJA em 1969

"O automóvel é um símbolo, e o homem trai parte de suas intenções sociais no seu comportamento com o carro. É preciso cuidar diariamente, enfeitá-lo como quem cuida da sua própria imagem pessoal"

■ O que ocorreu

Montadoras estrangeiras, que entraram no país nos anos 50 e 60, impulsionaram e usufruíram o milagre econômico dos anos 70: nesse período, o crescimento do setor automobilístico foi de 20% ao ano, o dobro da média nacional

HOJE

■ O que acontece

A expansão do número de veículos não foi acompanhada por um planejamento urbano adequado e um sistema eficiente de transporte público. Os congestionamentos ameaçam parar a circulação nas principais cidades

1 veículo para cada 4 pessoas



■ O que disse VEJA em 2008

"Há um automóvel rodando para cada 2,6 paulistanos, proporção maior que a de algumas metrópoles de países ricos. (...) Em São Paulo, os carros andam, em média, a 24 quilômetros por hora"

■ O que deve acontecer

Para trafegar nas regiões mais congestionadas, o cidadão precisará pagar — e caro. Isso já é uma realidade em cidades como Londres, onde os carros pagam até 10 libras (30 reais) por dia para circular no centro





■ O que deve acontecer

Garantido o acesso, os avanços nas telecomunicações são, agora, de ordem tecnológica. "O celular terá cada vez mais funções", afirma o consultor Ethevaldo Siqueira. Em breve, aparelhos que permitem assistir à TV ao vivo, com resolução de imagem digital, se tornarão algo corriqueiro



Uma rua, dois momentos

A Feodoro Samparo, em São Paulo, em 1968 ainda tinha trilhos de bonde...

...hoje, seu trânsito é caótico.



Fontes: Denatran e IBGE

ENERGIA: adeus ao lampião

ONTEM



A energia elétrica chegava a 42% dos lares brasileiros

HOJE



Hoje em 98% dos domicílios

■ O que acontecia

Apenas 7 milhões de residências, a maioria na área urbana, tinham luz. Isso porque o governo não havia investido ainda em hidrelétricas e linhas de distribuição que fizessem a energia chegar à casa dos brasileiros

■ O que disse VEJA em 1969

(sobre a inauguração da usina de Jupia)
"É o mais importante projeto da engenharia civil brasileira, para fornecer energia a 45 milhões de pessoas"

■ O que ocorreu

Nos anos 70, o período do milagre econômico, o regime militar iniciou um processo acelerado de expansão da geração e das redes de transmissão e distribuição de energia

Jupia: prioridade no fim dos anos 60



■ O que acontece

A distribuição de energia elétrica é o serviço com maior cobertura no país, superando água e esgoto. Mas a falta de investimentos na geração continua a ameaçar o sistema com colapsos, como o apagão de 2001

■ O que disse VEJA em 2007

"O país precisa urgentemente de fontes novas de energia porque o consumo per capita, que aumentou 1% ao ano entre 2000 e 2005, vai crescer a taxas três vezes mais altas entre 2005 e 2010"

■ O que deve acontecer

A longo prazo, o Brasil diminuirá sua dependência das hidrelétricas. "Em dez anos, ainda teremos 70% da geração baseada na água, mas o restante deverá ser fornecido por fontes alternativas de energia", diz Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infra-Estrutura

Energia eólica: alternativa para o futuro



Fontes: Abradee e IBGE

Almanaque

FAMÍLIA: o retrato encolheu



Número
médio de filhos:
2



ONTEM

■ O que acontecia

Em 1968, a pílula anticoncepcional havia acabado de chegar ao mercado brasileiro e era, então, pouco conhecida. As mulheres não usavam métodos

contraceptivos ou adotavam práticas muito pouco eficazes

■ O que disse VEJA em 1968

"No campo, famílias de nove filhos como a de dona Josina, em Pernambuco, nunca ouviram falar de um produto do inhamé — a pílula — nem de nenhum outro método anticoncepcional"

■ O que ocorreu

Com a popularização do contraceptivo e a urbanização do país, as famílias diminuíram rapidamente. Em 1990, a média já havia caído para três filhos por casal



Fontes: IBGE e Ministério da Saúde

HOJE

■ O que acontece

Em 2008, a taxa de fecundidade brasileira atingiu seu patamar mais baixo: média de 1,8 filho por casal, número inferior ao mínimo necessário para repor a população

■ O que disse VEJA em 2008

"As mulheres brasileiras de todos os quadrantes e estratos sociais estão empenhadas em ter menos filhos, criando oportunidades para construir um país mais rico"

■ O que deve acontecer

Se a taxa de fecundidade continuar a cair, a população do país deverá começar a diminuir em 2035. Famílias com um único filho se tornarão mais comuns



RELIGIÃO: a disputa pelo rebanho

ONTEM

■ O que acontecia

No início da década de 70, os católicos eram quase a totalidade no país. Mas a Igreja já começava a perder fiéis para os evangélicos

■ O que disse VEJA em 1968

"De menos de 100 000 em 1953, os pentecostais brasileiros passaram este ano a mais de 3 milhões. (...) A Igreja não conseguiu enfrentar as rápidas mudanças da sociedade brasileira"

■ O que ocorreu

A fundação de igrejas neopentecostais, como a Universal do Reino de Deus, em 1977, e a Renascer em Cristo, em 1986, foi determinante para a explosão do número de evangélicos

Fonte: IBGE

CATÓLICOS

92%

X

EVANGÉLICOS

5%



1 evangélico
para cada
18 católicos



MULHER E TRABALHO: espaço conquistado

ONTEM

■ O que acontecia

Apenas uma em cada cinco mulheres saía de casa para trabalhar

■ O que disse

VEJA em 1971

"De 100 mulheres casadas com mais de 30 anos entrevistadas por VEJA, noventa se declararam contentíssimas com a vida estritamente doméstica"



18% das mulheres estavam no mercado de trabalho



■ O que ocorreu

Com a diminuição do número de filhos e o aumento do de divórcios, muitas mulheres viram-se impelidas a buscar o primeiro emprego a partir de meados da década de 70

Fonte: Fundação Carlos Chagas

HOJE

■ O que acontece

Hoje, as mulheres têm 63% das vagas no ensino superior. Com maior instrução, elas conquistam postos de trabalho em ritmo acelerado.

Nos últimos quarenta anos, a participação feminina no mercado de trabalho triplicou



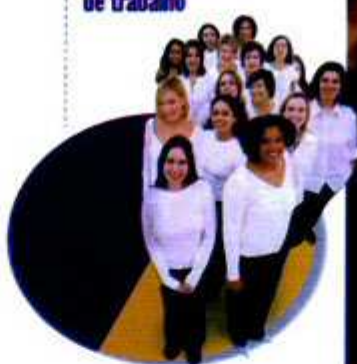
■ O que disse VEJA em 2007

"Entre 2004 e 2006, a taxa de ingresso das mulheres (no mercado de trabalho) foi de 3,2% ao ano. A dos homens ficou em 1,9%. A continuar esse ritmo, a proporção de mulheres será igual à dos homens em 2026"

■ O que deve acontecer

"O desafio, nas próximas décadas, será aumentar a participação das mulheres em postos de maior remuneração", diz Cristina Bruschini, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas. Hoje, 33% do trabalho feminino é de baixa qualificação

57% das mulheres estão no mercado de trabalho



FOTOS: ARMANDO BRASARIO, DIGITAL VISION; DIVULGAÇÃO: AMBROSIO VIEIRA E NIELSON ROBERTO/USAC/PLANAL

HOJE

CATÓLICOS

X EVANGÉLICOS

74%

15%

1 evangélico para cada 5 católicos



■ O que acontece

A proporção de evangélicos na população triplicou nos últimos quarenta anos. De cada dez ex-católicos, sete se tornaram evangélicos



■ O que disse VEJA em 2007

"É certo que boa parte dos católicos está virando neopentecostal. Nas duas últimas décadas, à queda acentuada de católicos correspondeu uma alta igualmente acentuada de evangélicos"

■ O que deve acontecer

Desde 2000, o percentual de católicos em relação ao total da população está estabilizado. "Os evangélicos, no entanto, devem continuar a crescer e os sem-religião, a diminuir de tamanho", avalia o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas



LEITORES: PARA ELES, COM

O engenheiro Mario Mouco nasceu no dia em que a primeira VEJA chegou às bancas: 11 de setembro de 1968. Na edição inaugural, o empresário holandês Jan Wiegerinck foi tema de uma reportagem. O psicanalista Manoel Salgado é o assinante mais antigo. Cada um a seu modo, os três fazem parte da história da revista. Como todos os leitores de VEJA

1490 SEMANAS DE INFORMAÇÃO

Quando o primeiro exemplar de VEJA chegou à casa do psicanalista Manoel Lauriano Salgado, em São Paulo, a inflação brasileira era de 77% ao ano, a dívida externa beirava 45 bilhões de dólares e o barril de petróleo estava a 26 dólares. A data era 12 de dezembro de 1979. De lá para cá, Salgado — o assinante mais antigo de VEJA registrado na base de dados da Editora Abril — recebeu 1490 edições da revista. Foi por VEJA que o psicanalista acompanhou as mudanças no país e no mundo: passados quase trinta anos, a inflação anual no Brasil não chega a 8%, o país zerou sua dívida externa e o preço do petróleo já bateu os 120 dólares o barril. "Minha vida é completamente dedicada ao estudo e a meus pacientes. A seriedade e a profundidade de VEJA me transmitem confiança para usá-la como referência em assuntos como

política e economia", diz Salgado, de 75 anos. O psicanalista e sua mulher, a decoradora Terezinha Salgado de Castro, de 69 anos, assinam VEJA desde o tempo em que as filhas — uma engenheira e uma pesquisadora da Embrapa — estavam no colégio. "Elas usaram a revista nos estudos para o vestibular e agora meus netos estão fazendo a mesma coisa", conta Terezinha, que aponta as reportagens sobre saúde, as entrevistas das páginas amarelas e a cobertura de televisão como pontos fortes da revista. Há três gerações, portanto, a família do psicanalista Manoel Salgado se informa por meio de VEJA.

O LEITOR DE

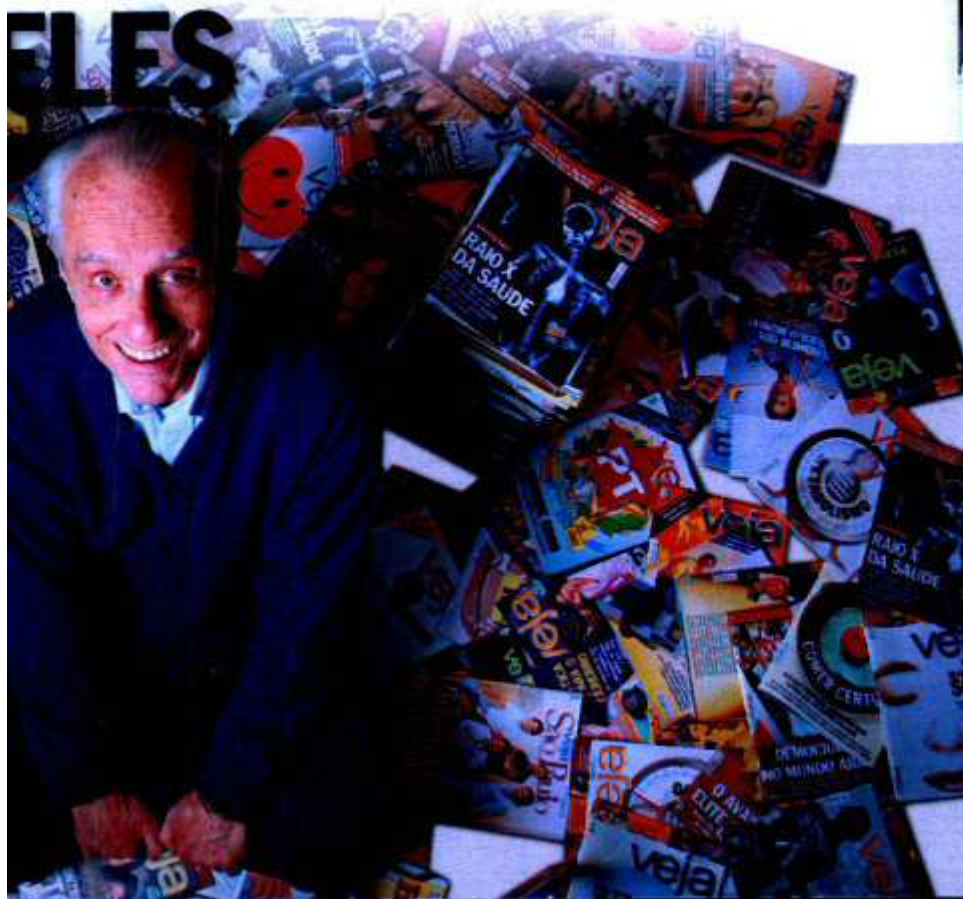


Fontes: Marplan e Editora Abril

Nascido junto com VEJA

Mario Mouco, em vários momentos dos seus 40 anos de vida: ele e VEJA nasceram no mesmo dia





O assinante mais antigo

O psicanalista Manoel Salgado, 75 anos: relação de confiança com a revista



Wiergerinck tem regras para quem quer trabalhar sem ser empregado

reus cordial, a Mão-de-Obra Temporária, de irmão mais novo de Jan.

O preço do trabalho — Na principal agência de Manpower, em São Paulo, mais de 200 pessoas aguardam para serem contratadas. Jan, "pessoa que gosta de fazer a diferença", diz Jan, "pessoa que gosta de fazer a diferença". Uma quarentena pessoas, na maioria mulheres, de escritórios, datilógrafas, secretárias e operárias especializadas, estão trabalhando indicadas por ele. Há também engenheiros, matemáticos, vigas. A Manpower cobra uma taxa de 45 por cento. O preço da mão-de-obra varia en-

APOSTA NO BRASIL

Está lá, na página 44 da primeira edição de VEJA: "Jan Wiergerinck, um holandês de 41 anos, foi o primeiro a aplicar no

Brasil a idéia de alugar mão-de-obra". O texto identificava um fenômeno: a emergência do mercado de emprego temporário, que já havia conquistado os Estados Unidos, mas ainda engatinhava no Brasil. Em 1968, quando VEJA publicou a reportagem, a empresa de Jan firmava 500 contratos por mês.

Passadas quatro décadas, o holandês que chegou ao Brasil com 28 anos e largou o emprego em um banco para aventurar-se em um negócio ainda incipiente é um vitorioso. Sua empresa, a Gelre, emprega anualmente 180.000 trabalhadores, tem 102 filiais por todo o país e seis unidades na Argentina. Esse crescimento, acredita Jan, foi impulsionado por dois fatores. "O primeiro é a entrada da mulher no mercado de trabalho. O segundo é a presença cada vez maior dos jovens, que conciliam os estudos com um emprego temporário", explica Jan, que — aos 81 anos — continua no comando da empresa. Um fenômeno de longevidade.

Em VEJA, ontem e hoje

Jan, nas páginas da primeira edição da revista (acima) e atualmente: negócio pioneiro



QUATRO DÉCADAS DE SUCESSO

O engenheiro Mario Mouco nasceu no mesmo dia em que a primeira edição de VEJA chegou às bancas: 11 de setembro de 1968. Agora, em 2008, juntamente com a revista, ele comemora quatro décadas de uma trajetória de sucesso. Formado em engenharia de produção, com especialização em administração de empresas, o primeiro filho de uma família de classe média paulistana dirige hoje duas metalúrgicas.

A primeira, fundada pelo pai em 1971, ele herdou. A segunda, fundou com outros três sócios em 1993. VEJA entrou na vida de Mario em 1989, quando seus pais, Edegar e Cecília Mouco, começaram a assinar a revista. Leitor assíduo, Mario, mais tarde, fez a sua própria assinatura quando saiu de casa. Pelas páginas da revista, ele

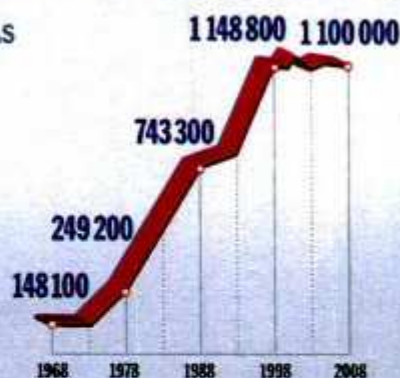
acompanhou algumas passagens marcantes da história do país. Em 1990, por exemplo, reportagens sobre o confisco da poupança, tema de quatro capas da revista, foram lidas com atenção — e apreensão — por Mario. O plano econômico de Collor quase levou à falência a empresa da família. Quando, em 2000, Mario e a mulher, Adriana, começaram um tratamento para que ela engravidasse, as matérias de VEJA sobre o assunto serviram como referência para o casal. Hoje, eles têm dois filhos: Miguel, de 6 anos, e Manuella, de 3. Até como uma espécie de guia de viagem, Mario já usou a revista. No ano passado, ele fez sua primeira visita à China, a negócios. No avião, leu o especial publicado por VEJA: "Não conhecia nada. Deu para ter um belo panorama".

MAIS LEITORES, MAIS PUBLICI

Em quarenta anos, VEJA se tornou a terceira revista semanal de informação mais lida no mundo e a primeira no país, com circulação maior do que a soma das concorrentes. Aumentou em 300% seu número de páginas de publicidade. Sob essas conquistas estão os pilares de VEJA: independência e credibilidade

UM MILHÃO DE REVISTAS POR SEMANA

O crescimento da circulação de VEJA — somadas as assinaturas e as vendas em banca — ao longo de seus quarenta anos



Fontes: Dinap e Instituto Verificador de Circulação (IVC)

Gente



Agora, sob nova influência

Los Angeles não é mais a mesma desde que dois dias-memória-garantidos foram uma sociedade. Censura de família, médicos e advogados. Jimmy Speers, 26 anos, depois de passar meses entre hospitais e clínicas de reabilitação, agora passa os dias de casa, e quando sai está vestido. A família também, segundo fontes próximas, e agora é mais. LINDSEY LARSON, 22 anos, passou a trabalhar igualmente revendo vídeos em seu novo filme. Disponível em: www.veja.com.br

Ultra-rico, mas não espalha

Surpresa: a adestradora ZHANG JIN (19) Tigre e o Dragão está entre os mais ricos do mundo. Quem? Pois é: pensa numa gente rica, classe o condutor, mas Nerva, 43 anos, é casado com um bilionário. Nerva, em São Paulo, criou-se em Israel e viveu no Brasil em Nova York, onde morreu com câncer. É hoje a maior fortuna do mundo. Não dá para não contar com ela. www.veja.com.br

Total de jornalistas que trabalharam em VEJA

1377

Total de jornalistas que trabalham hoje na revista (destes, 34 não eram nascidos no ano em que VEJA foi lançada)

58

NÚMEROS DA MAIOR REVISTA DO PAÍS

Número de páginas de reportagens e artigos publicados

152 500

Fotografias publicadas

265 000

(destas, 86 000 em preto-e-branco e 179 000 em cores)

Notas publicadas na seção Gente

13 300

Mortes registradas na seção Datas

6 600

Propaganda de empresas privadas garante independência

Ao longo de sua história, o número de páginas de publicidade cresceu 300% em VEJA. Em relação ao total de anúncios, o percentual estatal caiu 33%

Páginas de anúncios por ano

820

1969

3410

2007

Porcentual de anúncios estatais

6%

4%

Fonte: Ibope Monitor

No mesmo período, VEJA também aumentou seu número de páginas dedicadas a reportagens. Em 1968, a cada edição a revista trazia, em média, 62 páginas editoriais. Hoje, esse número está em 85

OS PRESIDENTES EM VEJA

A seguir, um balanço das capas que a revista publicou sobre os governantes eleitos no período pós-regime militar. Foram incluídas apenas aquelas em que o nome ou a imagem do presidente apareceu na capa

GOVERNO SARNEY

(15 de março de 1985 a 15 de março de 1990)

Número de capas

23

Positivas

52%

Negativas

48%



GOVERNO COLLOR

(15 de março de 1990 a 2 de outubro de 1992)

Número de capas

33

Positivas

33%

Negativas

67%



DADE, MAIOR INDEPENDÊNCIA

VOLTA AO MUNDO EM UMA SEMANA

VEJA é distribuída em 76 países ao redor do mundo (em vermelho no mapa). Desses leitores internacionais, 70% recebem a revista em papel e 30% em uma versão digital, enviada por e-mail

SÁBADO, NAS BANCAS

Em 1969, VEJA chegava às bancas na segunda-feira de manhã. Algumas regiões do país esperavam até o meio da semana por um exemplar. Hoje, até domingo, 95% dos assinantes e pontos-de-venda já receberam a revista



Confecção
(sexta-feira, 23 horas)
Prazo final para a redação entregar a revista na gráfica



Impressão
(sábado, 12h40)
Até esse horário, a revista sai da gráfica para ser distribuída



Distribuição
(sábado, 21 horas)
A revista já chegou a 55% dos leitores. Até domingo, 95% receberão VEJA



AS DEZ CAPAS MAIS VENDIDAS EM BANCA

Em número de exemplares

19 set/2001 O Império Vulnerável	415 152
22 dez/1999 Século 20	383 588
12 mar/1986 A Semana que Mudou o Brasil	361 200
26 set/2001 Guerra ao Terror	321 752
19 abr/2000 A Guerra das Dietas	321 415
17 out/2001 O Profeta do Terror	291 375
25 dez/2002 Jesus — O que Ele Tem a Dizer a Você Hoje	290 600
1º mai/1985 Adeus — Edição Especial	289 400
26 abr/2000 Sob as Asas do Império	285 834
26 dez/2001 A Reinvenção do Mundo	276 275

Fontes: Boletim Dinap (1968-1994) e IVC (1995-2008)

FOTOS: ROBERTO SETTON E ALEXANDRE SCHNEIDER

GOVERNO ITAMAR

(2 de outubro de 1992 a 1º de janeiro de 1995)

Número de capas **11**

Positivas **45%**

Negativas **55%**



GOVERNO FHC

(1º de janeiro de 1995 a 1º de janeiro de 2003)

Número de capas **14**

Positivas **57%**

Negativas **43%**



GOVERNO LULA

(1º de janeiro de 2003 — hoje)

Número de capas **30**

Positivas **30%**

Negativas **70%**

